

4468 4029

2

Indígenas de Camamu festejam colheitas

Índios da região de Camamu estão cultivando café, mandioca, feijão, milho e abacaxi e se beneficiando da tecnologia para aumentar a produção

Camamu

Putixtha? A saudação aos forasteiros na língua pataxó há-hã-hã, que significa "Tudo bem?", é quase um resumo do novo estado de ânimo dos 70 índios, instalados numa aldeia a 15 quilômetros da cidade de Camamu, no baio sul baiano. Desconfiados por natureza, eles recebem os técnicos da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), da Secretaria da Agricultura, e não escondem a satisfação com suas colheitas e, com a autoestima resgatada, já começam a exercitar e a ensinar às crianças a língua original da tribo, quase extinta entre os pataxós.

"Graças a Tupã e à doutora Ana, tudo por aqui melhorou", disse o cacique Luis, ou Auai, que significa "união", em pataxó, enquanto observa hectares plantados de café ("terrampanem", como chamam) nas terras do irmão Carlito, ou Tatui ("tatu", na língua nativa). A "doutora Ana" é Ana Cristina Midlej, agrônoma e chefe do escritório da EBDA em Camamu, que lidera um trabalho voltado para a distribuição de sementes, assistência técnica e treinamento a 11 comunidades - quatro mil famílias - do lugar, sendo que uma parte delas é de pequenos agricultores "brancos" do Vale do Juliana, entre Camamu, Igrapiúna, Ituberá e Pirai do Norte.

Índios e "brancos" da região cultivam, cada qual em suas terras, os mesmos produtos: mandioca, feijão, milho, abacaxi, banana, café conilon e a novíssima pupunha - semente de palmito rica em vitamina A e de grande aceitação no mercado -, que começou a ser plantada este ano. "Hoje, com a ajuda da

EBDA, ninguém mais aqui pensa em procurar trabalho no Sul, afirmou Aniceto Paixão dos Santos, 32 anos, um dos 120 membros da Associação dos Produtores do Vale do Juliana e responsável por operar a máquina processadora da casa de farinha do lugar, equipada também pela EBDA.

Os produtores do Vale do Juliana beneficiados pela EBDA estão com muitos planos elaborados. Além da construção de uma nova casa de farinha - a atual quase não comporta a produção, superior a dez sacos diariamente, cada saco com 60 quilos -, eles pretendem erguer uma vi-

la em terreno doado pela Prefeitura de Igrapiúna. Os equipamentos para a nova casa de farinha, que será comandada pela Associação dos Produtores do Vale do Riachão, já foram adquiridos pela EBDA e aguardam na gerência regional de Cruz das Almas o término da construção do novo galpão.

Vendendo cuiuna

Este ano, a EBDA já distribuiu na região 1,5 tonelada de feijão e milho, e 200 quilos de café, que vão se converter em 800 mil mudas da planta. Também este ano, informou Ana Cristina Midlej, serão distribuídos outros 100 quilos de sementes de café. Atuando em projetos como esse há seis anos em Camamu e adjacências, a EBDA não se resume, no entanto, a fornecer sementes: ministra cursos, capacitação e treinamento, fornece assistência técnica, visita regularmente as áreas e acompanha todas as etapas da produção.

"Queremos plantar para ajudar o Brasil a crescer", disse Tatui, que tem oito filhos entre 18 anos e três meses de idade. Ele, que chegou na região com outras 300 famílias há 11 anos, quer deixar para trás o que

passou em Pau Brasil, no sul do estado, onde a tribo vivia em guerra com fazendeiros, que invadiram terras da reserva indígena demarcadas pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Em Camamu, a realidade também não foi um mar de rosas: os índios chegaram até mesmo a mendigar pela cidade, antes de se encontrarem, durante um seminário, com a equipe da EBDA.

"Eles próprios pediram para ser incluídos no projeto", disse Ana

Cristina Midlej. Quase tudo o que os índios plantam hoje ainda é para subsistência, exceto a mandioca, cuja farinha ("cuiuna"), produzida na casa de farinha, é vendida na cidade. "Eles aproveitaram tão bem o curso de beneficiamento da mandioca que a população de Camamu prefere a farinha produzida pelos índios", explicou.

O trabalho com os índios começou há seis anos e tem resultados lentos, mas promissores. Eles não

acreditaram muito, por exemplo, quando a EBDA os ensinou a usar carbureto nas sementes de abacaxi para produzir fora da época. "Vi que esquentava e fervia quando eu colocava. Pensei que ia matar tu-

do", afirmou Carlito. "Depois vi as cabeças saindo e percebi que dava certo mesmo", disse, arrependido de ter investido somente em 150 frutos e já se preparando para aumentar a roça de abacaxi.

Foto: Manoel França



Com o apoio da EBDA, os índios já estão utilizando alguns implementos agrícolas

A aproximação com a cultura

Para entrar nos limites dos há-hã-hães de Camamu é bom ter em mente algumas peculiaridades culturais. É aconselhável, por exemplo, se dirigir primeiro ao cacique, porque índio valoriza a hierarquia. E nada de se espantar com os rostos pintados da tinta vermelha do urucum – nenhum sinal de guerra à vista, é que eles gostam de manter a tradição dos ancestrais, pintando o rosto e corpo, além de usar no dia-a-dia os cocares e tangas confeccionados de palha do brejo (“taboa”) e enfeitados com penas coloridas e colares.

Índio preguiçoso? “Nada disso!”, garantiu o cacique Auai. “Índio aqui só precisa de um pouco de ajuda para ir em frente”. Além de participar de todos os cursos oferecidos e cuidar com capricho de cada hectare cultivado, a aldeia pataxó se dedica com afinco ao germinador e ao minhocário instalados pela EBDA. No germinador repousam cinco mil sementes de pipunha, das quais serão plantadas quatro mil ainda este ano. Os índios vão vender o palmito industrializado – cujo preço no mercado chega a R\$ 5,00 o frasco –, depois de passarem por um curso fornecido pela EBDA.

O minhocário, afirmou Ana Cristina Middlej, servirá para fornecer material orgânico para a horta da aldeia, onde serão cultivadas verduras e folhosos, destinados a complementar a merenda escolar dos curumins e cunhatãs estudantes. As frutas – acerola, graviola, abacaxi e manga – já são cultivadas no pomar de cada uma das casas dos índios.

Para iluminar a educação dos pequenos índios, o governo estadual instalou na Escola Indígena Paraguaçu – cons-

truída numa parceria Funai/prefeitura – um Kit de energia solar que deixou de lado o botijão, que exalava gás durante as aulas. O equipamento permite a captação da energia solar através de placas, transferindo-a para uma bateria e acendendo as lâmpadas.

A classe é frequentada também por filhos de agricultores das redondezas. Mas o currículo é singular. Além das matérias “de branco”, os pequenos há-hã-hães aprendem as matérias “de índio” – *Cultura Indígena e Língua Pataxó* –, ministradas por dois índios especialmente treinados. “Ensinar a índios é diferente, exige uma atenção especial para o dia-a-dia deles”, disse a professora das matérias “de branco” Terezinha de Cássia, 32 anos, casada com o pataxó Damião dos Santos, ou Rarimon (“madeira sapucaia”), funcionário da Funai há 12 anos e nomeado chefe de posto-substituto da aldeia de Camamu, já batizada de Nova Vida.

Rarimon, um dos poucos a dominar o vocabulário nativo, opera a rádio da aldeia, que recebe, duas vezes por dia, notícias de outras dez aldeias há-hã-hães existentes na Bahia. No intervalo das aulas, os índios correm para uma fogueira acesa ao lado do prédio da escola. A Índia Rosa, 78 anos, uma das mais velhas da aldeia, é quem prepara o peixe e o beiju de mandioca servido aos alunos. Como manda a tradição, o peixe é assado enrolado em folha de bananeira e um pouco de sal, sem tempero, e saboreado junto com o beiju e molho de pimenta.

“A comida sem tempero é melhor, não tira a resistência da gente”, explicou a índia. A gratidão é também considerada uma tradição entre os índios. Ao redor do “pajé” – um amuleto feito em madeira que representa o deus Tupã – eles agradeceram à equipe da EBDA com a *Dança do Toré*.

Foto: Manoel França



A tribo voltou a praticar seus rituais com as novas culturas